



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Sabedorias botânicas

Dr. Yuri Tavares Rocha¹

Resumo: as sociedades humanas acumulam conhecimentos sobre suas realidades de mundo no transcorrer do tempo, tanto as de tradução oral quanto as de tradição escrita. Esses conhecimentos incluem também as informações sobre as plantas e animais que estão em contato com essas sociedades e que por elas são utilizados de diferentes maneiras e finalidades. Desde as pinturas rupestres até os herbários do século XVII, esses conhecimentos seculares são registrados. Nas tradições orais,

1. Engenheiro Agrônomo, Mestre e Doutor em Geografia, pós-doutoramentos na Universidade Federal de São Carlos (2011) e na *Universitat Autònoma de Barcelona* (2016). Professor doutor do Departamento de Geografia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo. Membro da *International Biogeography Society* e líder de grupo de pesquisa Biogeografia, do Diretório dos Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. E-mail: yuritr@usp.br

Yuri Tavares Rocha

cujos conhecimentos passam de geração para geração pela oralidade e experiência do uso, as sabedorias botânicas têm sido estudadas pela ciência e registradas pela etnobotânica, em pesquisas realizadas junto a etnias indígenas e comunidades quilombolas, caiçaras, ribeirinhas e tradicionais e, também, nas religiões afro-brasileiras, sobre as várias utilizações que as plantas têm para essas comunidades.

Palavras-chave: etnobotânica; biogeografia; tradição oral; tradição escrita; religiões afro-brasileiras.

Introdução

Há milênios, as tradições orais e escritas existentes em diferentes sociedades humanas transmitem e registram seus conhecimentos, informações e sabedorias sobre suas realidades de mundo, desde as pinturas rupestres em cavernas, como as presentes na caverna Chauvet, localizada no sul da França, com idades entre 28 e 40 mil anos (Sadier et al., 2012), ou as pinturas encontradas na Serra da Capivara, no sertão do estado brasileiro do Piauí, algumas com até 48 mil anos de idade (Pessis; Niède, 2009; GOMES et al., 2019), lugar, aliás,

Sabedorias botânicas

considerado como um dos primeiros povoamentos sul-americanos (LOURDEAU, 2019). Entre essas pinturas, também já se faziam registros de plantas e animais e suas utilizações e relações com nossa espécie (Figura 1).

Figura 1 – Pintura rupestre encontrada na Toca do Pajaú (Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil), na qual se nota um veado, um pássaro, uma ema e algumas figuras humanas, que interagem com árvores



Fonte: Pessis e Niède (2009).

Yuri Tavares Rocha

Por isso, a interação da humanidade com a natureza é milenar, aliás, a primeira insiste em se apartar ou se ausentar da segunda, mas, na verdade, ambas fazem parte de uma mesma realidade. Justamente dessa vida em conjunto é que nasce a descoberta de que plantas e animais têm propriedades e características que, além de dar o suporte direto à vida da humanidade, também contribuem com a qualidade e manutenção dessa vida, como, por exemplo, fontes de remédios.

No mundo ocidental, um primeiro registro escrito sobre essa utilização foi feito por Pedânio Dioscórides de Anazarbo, médico greco-romano que publicou a obra *De materia medica* em cinco volumes, em torno da metade do primeiro século, na qual relatou mais de mil fármacos, dos quais cerca de 700 têm origem vegetal (Riddle, 2006). Essa obra teve várias traduções e edições nesses últimos milênios, até a mais recente publicada neste século (Norton, 2006), o que demonstra a importância e interesse da humanidade nas plantas e animais como fontes de remédios.

É a partir dessa obra e de suas traduções na Idade Média que também surge a preocupação, do Renascimento até o final do século XVIII, de registrar as qualidades de outras tantas plantas em obras que eram chamadas herbários, que são manuscritos ou livros

Sabedorias botânicas

[...] contendo nomes e descrições de ervas e outras plantas úteis para medicina por causa de suas propriedades, especialmente a virtude de curar doenças. Além da descrição detalhada de plantas medicinais, esses manuscritos ou livros podiam trazer também ilustrações de cada planta apresentada. (LUNA, 2016, p. 220-221)

No caso do Brasil, dois registros escritos pioneiros sobre plantas devem ser lembrados. O primeiro e muito conhecido é a Carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão português componente da frota de Pedro Álvares Cabral, que foi escrita em abril de 1500, enviando notícias do então chamado “descobrimento” do Brasil ao rei português D. Manoel. Nesse documento histórico, 45 termos mencionados são referentes a plantas ou vegetação (FILGUEIRAS; PEIXOTO, 2002), conhecimentos coletados com observações sobre elas e sobre sua utilização pelos indígenas. Inclusive, há uma explicação muito didática sobre uma das plantas:

A única espécie sobre cuja identificação não pairam dúvidas é o urucu ou urucum (*Bixa orellana* L.), descrita com admirável precisão por Caminha nas linhas 628 a 630 (“Traziam

Yuri Tavares Rocha

alguns deles uns ouriços verdes, de árvores, que, na cor, queriam parecer de castanheiros, embora mais e mais pequenos. E eram aqueles cheios duns grãos vermelhos pequenos, que, esmagados entre os dedos, faziam tintura vermelha, de que eles andavam tintos. E quanto mais se molhavam, tanto mais vermelhos ficavam'). Índios brasileiros fazem uso, ainda hoje, do mesmo processo citado por Caminha. (FILGUEIRAS; PEIXOTO, 2002, p. 267)

O outro registro escrito a destacar, já nos moldes dos herbários europeus, foi elaborado pelos naturalistas Guilherme Piso e Georg Marggraf, que coletaram plantas e registraram seus usos conhecidos pelos indígenas e pelos moradores do nordeste brasileiro, então ocupado pela Companhia das Índias Ocidentais e pelo alemão-holandês Maurício de Nassau, até meados do século XVII. Trata-se da obra *Historia naturalis Brasiliae* (Figura 2), publicada em 1648 com gravuras e organizada em duas partes, sendo “a primeira intitulada De medicina brasilienses escrita por Piso, composta de assuntos médicos; a segunda com o título *Historia rerum naturalium Brasiliae* (Herbário de Georg Marggraf), trata de anotações sobre botânica, zoologia e região onde Marggraf viveu durante seis anos [1638-1644]” (SOUZA, 2006).

Sabedorias botânicas

A ciência e suas divisões, nascidas a partir do século XIX, também continuaram a buscar informações de plantas e animais, além de realizar pesquisas científicas sobre eles e gerar conhecimento sobre suas potencialidades. Também passou a se aproximar de outras tradições, as orais de sociedades com conhecimentos também milenares, do que se tratará a seguir.

Figura 2 – Capa da obra *Historia naturalis Brasiliae*, de Guilherme Piso e Georg Marggraf, publicada em 1648, que ilustra a grande diversidade existente de plantas e animais no nordeste brasileiro e que, implicitamente pela presença dos indígenas, evidencia que eles foram fontes de muitas das informações sobre a fauna e a flora estudadas e registradas



Fonte: Wikipédia. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Guilherme_Piso#/media/Ficheiro:Historia-Naturalis-Brasiliae.jpg. Acesso em: 8 set. 2020.

Yuri Tavares Rocha

Apontamentos sobre Etnobotânica

Nessa conjuntura oitocentista, nascem ramos científicos que organizam o conhecimento e sua geração, pelo método científico, sobre a realidade do mundo, dentro da tradição escrita ocidental. Surge também, do que se refere ao entendimento da natureza, a sistematização de análises pela geografia, cujo pai na Antiguidade Clássica foi Cláudio Ptolomeu e que, no século XIX, torna-se Alexander von Humboldt.

Este naturalista alemão, conhecendo a realidade de paisagens europeias e também americanas, estudadas numa viagem de cinco anos, dá bases para a formação da biogeografia, que estuda as distribuições espaço-temporais de animais e plantas. Sua grande contribuição, após 251 anos de seu nascimento, torna-se ainda mais relevante com as aceleradas mudanças ambientais antrópicas; devemos ter a capacidade de obter percepções holísticas e integrativas sobre as relações da biodiversidade e do meio ambiente, que é vital para a humanidade, numa abordagem da inter ou transdisciplinaridade (Schrodt et al., 2019).

Humboldt também ressaltou, nesse sentido integrador, que a humanidade faz parte desse todo, quando afirmou que

Sabedorias botânicas

a natureza está fortemente ligada à história política e moral da humanidade, exemplificando que houve desastrosas consequências ambientais do colonialismo e da monocultura da cana-de-açúcar, junto à violência contra as etnias indígenas e ao tratamento dos africanos² trazidos às Américas e escravizados (NORDER, 2019).

Os espanhóis chegaram à América do Sul a fim de obter ouro e madeira – “fosse por violência ou por troca” –, disse Humboldt, e motivados apenas por “insaciável avareza”. Os espanhóis haviam aniquilado antigas civilizações, tribos nativas e florestas magníficas. O retrato que Humboldt trouxe de volta da América Latina

2. Sobre a escravidão, Humboldt relatou o que viu no mercado de escravos na praça central da cidade de Cumaná (localizada na atual Venezuela), em meados de 1799: “Desde o início do século XVI, os espanhóis importavam escravos para suas colônias na América do Sul, e continuavam a fazê-lo. Toda manhã, jovens africanos e africanas eram colocados à venda. Os escravos enfileirados eram obrigados a esfregar óleo de coco sobre o corpo de modo a deixar lustrosa sua pele negra. Depois desfilavam para a avaliação dos potenciais compradores, que escancaravam as bocas dos africanos para examinar seus dentes, feito ‘cavalos em um mercado’. Essa visão fez de Humboldt um abolicionista até o fim de sua vida” (WULF, 2016, p. 91). Apesar de esta descrição referir-se aos espanhóis, também é válida para os portugueses e suas colônias existentes à época. Humboldt, por motivos geopolíticos, foi proibido de entrar em território sul-americano dominado pela Coroa Portuguesa.

Yuri Tavares Rocha

era pintando com as cores vivas de uma realidade brutal – tudo corroborado por indícios, provas concretas, dados e estatísticas (WULF, 2016, p. 159-160).

Mais recentemente, a biogeografia desenvolveu a abordagem da biogeografia cultural, para entender melhor o papel das sociedades humanas na apropriação e na distribuição de plantas e animais. Procura entender como a ação antrópica pode alterar desde a composição genética de plantas e animais até a estrutura de muitos ecossistemas; certamente que as atividades humanas não diretamente ligadas à biota também exercem seus efeitos, com a retirada de recursos naturais, a construção de cidades e a dispersão de resíduos gasosos, líquidos e sólidos (SIMMONS, 1982).

Já se entende hoje que os referenciais teóricos que exploram a relação das ecologias, tecnologias, corpos e socialidades são vitais, também exigindo uma reflexão etnográfica sobre nosso próprio envolvimento (HEAD, 2010). Uma das abordagens nesse sentido é considerar as paisagens como paisagens bioculturais, que são caracterizadas pelos efeitos antropogênicos nas paisagens naturais, mais perceptíveis nas paisagens após o surgimento da agricultura e culminando nos diferentes tipos

Sabedorias botânicas

de paisagens urbanas (Bogaert; Vranken; André, 2014). A humanidade é um componente importante da natureza ecocultural e deve, necessariamente, estar presente nas soluções pragmáticas que unem natureza, cultura e patrimônio na conservação dos recursos bioculturais (Bridgewater; Rotherham, 2019).

Nas ciências biológicas, estudos sobre o conhecimento das plantas e animais e suas relações, junto de etnias e comunidades de tradições orais, também se desenvolveram com várias abordagens, com importantes contribuições científicas.

Um pioneiro nesse sentido foi o médico e botânico Edward Palmer, que estudou plantas do oeste da América do Norte e do México a partir de meados do século XIX, descobrindo mais de mil novas espécies de angiospermas e pteridófitas (SAFFORD, 1911). Sua obra inclui várias listas, artigos e trabalhos, muitos dos quais apresentaram informações coletadas junto às populações locais e indígenas (VASEY; ROSE, 1890; ROSE, 1892; McVAUGH; KEARNEY, 1943; JETER, 1999; MAUZ, 2008). Palmer ressaltou a importância desse fato, em sua passagem pela cidade mexicana de *San Luis Potosí*, em 1878:

Yuri Tavares Rocha

O primeiro dever de um coletor de plantas visitando um novo local é conhecer os mercados para obter pistas para seu futuro trabalho e, se for direcionado às plantas medicinais nativas, recorrer às mulheres. No México, elas são as magas da tradição médica e das curas transmitidas de um para o outro. Talvez seus [remédios] sejam tão eficientes, pelo menos, como a média dos medicamentos já patenteados dos Estados Unidos.³ (BYE, 1979, p. 135).

Formalmente, a palavra etnobotânica foi utilizada pela primeira vez em 1896, num artigo do botânico norte-americano John William Harshberger, publicado na revista *Science*, intitulado *Ethno-Botanic Gardens* (HARSHBERGER, 1896), no qual ele deu uma definição à etnobotânica, hoje considerada ultrapassada, como sendo o estudo do uso de plantas por primitivos e aborígenes (van Andel, 2016). É considerada ultrapassada porque hoje a etnobotânica é considerada de forma

3.. Tradução do original: “The first duty of a plant collector on visiting a new place is to see the markets to gain clues to his future work and, if it is native medicinal plants, call upon the females. In Mexico they are the magicians of medical lore and cures handed down from one to the other. Perhaps their [remedy] may be as correct at least as the average patent medicine of the United States.”

Sabedorias botânicas

mais ampla, como a ciência que estuda as interações das pessoas com plantas, ao longo do tempo e do espaço, incluindo seus usos, conhecimentos, crenças, gestão e sistemas de classificação, tanto das sociedades modernas quanto das tradicionais (TURNER, 1995⁴ apud VAN ANDEL, 2016).

Porém, apesar de a etnobotânica ser cientificamente recente, o estudo das plantas é uma prática muito mais antiga do mundo, pois as plantas não são somente a base dos ecossistemas, mas também são fundamentais para o funcionamento e a existência de todas as sociedades humanas, nas quais as pessoas mais idosas são, na maioria das vezes, as que conhecem nomes e usos dessas plantas (VAN ANDEL, 2016).

Na Declaração de Kaua'i, elaborada por 44 pesquisadoras e pesquisadores da área, a etnobotânica é entendida como

[...] o estudo das interações e relações entre as plantas e as pessoas ao longo do tempo e do espaço. Isso inclui os usos, conhecimentos,

4.. TURNER, N., 1995. Ethnobotany today in northwestern North America, in: Schultes, R. E., Von Reis, S. (Eds.), *Ethnobotany: Evolution of a Discipline*. Dioscorides Press, Portland, p. 264–283.

Yuri Tavares Rocha

crenças, sistemas de gestão e de classificação e linguagem, que as culturas modernas e tradicionais têm para as plantas e seus ecossistemas terrestres e aquáticos associados. Se plantas não existissem, a vida humana não seria possível. Todos os membros da família humana dependem das plantas para sua sobrevivência de inúmeras maneiras diferentes. Hoje também dependemos delas para muitas de nossas oportunidades para melhorar a qualidade da vida humana no futuro.⁵ (Prance, 2007, p. 1).

Nas últimas décadas, a etnobotânica tem apresentado um ressurgimento e uma revitalização, em função de sua vocação à pluridisciplinaridade e multiculturalidade, que são imprescindíveis para tratar dos problemas ambientais e sociais complexos que afetam a sociedade humana na atualidade (ALEXIADES, 2010). A etnobotânica pode ser uma ferramenta para

5. Tradução do original: “[...] the study of the interactions and relationships between plants and people over time and space. This includes the uses, knowledge, beliefs, management systems, classification systems and language that both modern and traditional cultures have for plants and their associated terrestrial and aquatic ecosystems. If plants did not exist, human life would not be possible. All members of the human family depend on plants for their survival in myriad different ways. Today we also depend on them for many of our opportunities to improve the quality of human life in the future.”

Sabedorias botânicas

compreender as inter-relações entre diversidade biológica e diversidade cultural, e traçar caminhos para o desenvolvimento sustentável, implicando, entretanto, em importantes desafios epistemológicos, conceituais, filosóficos, éticos, metodológicos, institucionais e políticos.⁶ (ALEXIADES, 2010, p. 17)

Atualmente, os principais temas de pesquisa em etnobotânica podem ser resumidos em seis principais perguntas que suas pesquisas procuram responder: a) Quais plantas as pessoas usam? Esta pergunta é básica para todo inventário etnobotânico, que documenta as espécies de plantas que são usadas pelas comunidades locais para alimentação, remédios, abrigo, equipamentos, rituais e outros fins; b) Como funcionam as plantas medicinais? Questão ligada diretamente à etnofarmacologia, que pesquisa as atividades farmacológicas e toxicológicas das plantas e dos preparados feitos a partir delas; c) A extração de plantas silvestres é sustentável? Bilhões de pessoas no mundo

6. Tradução do original: “para entender las interrelaciones entre la diversidad biológica y la diversidad cultural, y para esbozar caminos hacia el desarrollo sostenible, implica, sin embargo, importantes retos epistemológicos, conceptuales, filosóficos, éticos, metodológicos, institucionales y políticos.”

Yuri Tavares Rocha

fazem essa extração, mas, para garantir que essa atividade esteja disponível também para as futuras gerações, é de extrema importância que essas plantas sejam colhidas de forma sustentável;

d) Como as pessoas domesticaram as plantas? Há milhares de anos, os seres humanos sempre coletaram plantas do ambiente silvestre, considerada uma espécie de planta domesticada quando uma população de plantas (comportamento, ciclo de vida, aparência etc.) é significativamente alterada por várias gerações, sob o controle humano; e) Como as pessoas categorizam as plantas? Todas as sociedades humanas criaram uma ordem a partir do aparente caos da biodiversidade existente ao seu redor, sendo fundamental compreender a taxonomia popular e o significado dos nomes vernaculares dados às plantas, ou seja, a diversidade biocultural (combinação da diversidade botânica e linguística); e, a última pergunta, f) O que acontece quando as pessoas migram? Os seres humanos migraram desde o início de sua existência e se adaptaram muito bem a novos ambientes, mas esse processo, ainda é muito relevante, devendo-se pesquisar, junto às populações humanas migrantes (deslocadas por conflitos bélicos, políticos, religiosos, econômicos etc.), quais conhecimentos e usos das plantas são mantidos, o que é perdido, o que muda e o que é novo (VAN ANDEL, 2016).

Sabedorias botânicas

No caso do Brasil, há um campo enorme e de grande relevância científica para as pesquisas etnobotânicas pela

alta diversidade cultural e biológica, que se encontram inextricavelmente ligadas. Por um lado, o país apresenta cerca de duzentos e vinte povos indígenas (segundo o Instituto Socioambiental), e milhares de comunidades quilombolas, de pescadores artesanais, agricultores familiares, sertanejos, jangadeiros, ribeirinhos, etc., e por outro, detém cerca de 22% de todas as espécies de plantas descritas no mundo. Estas são fontes de recursos materiais, genéticos, simbólicos e econômicos para a subsistência e reprodução sociocultural desses povos e comunidades. (BANDEIRA, 2010, p. 12)

Dentro da área da etnobotânica, umas das preocupações, findada a pesquisa, é como dar um retorno à comunidade estudada sobre a sabedoria compartilhada, pesquisada e sistematizada pelos pesquisadores e pesquisadoras. É comum o retorno desses resultados pesquisados à comunidade no formato de manuais, cartilhas, listas, palestras e ou cursos, por exemplo; essa devolutiva se tornou mais relevante porque também aumentaram os “compromissos da sociedade com conservação, uso sustentável e

Yuri Tavares Rocha

repartição de benefícios derivados da utilização da biodiversidade (PATZLAFF; PEIXOTO, 2009, p. 239). Este “[...] retorno elaborado dos dados oriundos da pesquisa etnobotânica à comunidade é uma das formas de reconhecimento pela ajuda e pelo tempo despendido, e, principalmente, pelo compartilhamento do saber” (PATZLAFF; PEIXOTO, 2009, p. 244).

Além desse retorno, há marcos legais brasileiros⁷ a serem respeitados sobre o compartilhamento dessas sabedorias botâ-

-
- 7. Dois principais podem ser citados: a) Decreto Legislativo n. 2, de 1994, pelo qual o Brasil ratificou sua assinatura da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), destacando-se o seguinte item do Artigo 8o: “j) Em conformidade com sua legislação nacional, respeitar, preservar e manter o conhecimento, inovações e práticas das comunidades locais e populações indígenas com estilo de vida tradicionais relevantes à conservação e à utilização sustentável da diversidade biológica, e incentivar sua mais ampla aplicação com a aprovação e a participação dos detentores desse conhecimento inovações e práticas; e encorajar a repartição equitativa dos benefícios oriundos da utilização desse conhecimento, inovações e práticas”. Há um documento específico da CDB sobre este aspecto: *Report on the role of intellectual property rights in the implementation of access and benefit-sharing arrangements*. Disponível em: <https://www.cbd.int/kb/record/meetingDocument/1175?Record-Type=meetingDocument>. Acesso em 10 set. 2020.
 - b) Lei Federal n. 9.985 de 2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), destacando-se o seguinte item do Artigo 4o: “XIII - proteger os recursos naturais necessários à subsistência de populações tradicionais, respeitando e valorizando seu conhecimento e sua cultura e promovendo-as social e economicamente”.

Sabedorias botânicas

nicas e sua manutenção, bem como respeito à postura determinada pelos comitês de ética de pesquisa⁸ envolvendo seres humanos e essas sabedorias.

Também é fundamental que pesquisas etnobotânicas e seus resultados estejam presentes na elaboração de políticas públicas.

Urge que países como o Brasil promovam a utilização de ferramentas como a etnobotânica, a fim de que direitos relativos à propriedade intelectual, como a IG [Indicação Geográfica], favoreçam os benefícios econômicos gerados e fomentem o desenvolvimento de políticas públicas federais, estaduais e municipais que observem as necessidades locais integrativas de territórios de modo a favorecer a diversidade das atividades de economia solidária se utilizando de instrumentos da propriedade intelectual. (Rocha; Boscolo; Fernandes, 2015, p. 73)

8. Para mais detalhes sobre comitês de ética de pesquisa, ver a Resolução n. 466, de 2012, cujo item I explica que a Resolução “[...] incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, referenciais da bioética, tais como, autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, dentre outros, e visa a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado”.

Yuri Tavares Rocha

Torna-se evidente que a etnobotânica é extremamente importante na atualidade, na qual os desmatamentos, queimadas, invasões de terras indígenas etc. se intensificam, colocando em risco as comunidades que detêm as sabedorias botânicas, seu modo de vida, seus ambientes e suas plantas:

[...] a etnobotânica, ao tentar resgatar e valorizar o conhecimento tradicional a respeito da utilização da flora, explicita sua relevância sociocultural frente às aplicações estritamente científicas, ainda que os trabalhos realizados neste ramo multidisciplinar estabeleçam uma clara conexão entre o conhecimento popular e o conhecimento científico.

Assim, a etnobotânica pode funcionar como uma ferramenta eficaz e eficiente no que tange às práticas, uso e manejo sustentável dos recursos vegetais, numa perspectiva de valorização e de conservação dos elementos culturais, sociais, bióticos e abióticos das comunidades humanas. (SILVA et al., 2015 p. 78-79)

Por fim, cabe ressaltar que existem periódicos científicos internacionais que publicam artigos relacionados à etnobotânica, tais como *Journal of Ethnobiology*, *Journal of*

Ethnobiology and Ethnomedicine, Ethnobotany Research & Applications, *Economic Botany* e *Journal of Ethnopharmacology*, entre outros.

Alguns exemplos de sabedorias botânicas tradicionais

Seguem alguns exemplos, como uma pequena amostra de pesquisas etnobotânicas que registraram, de forma escrita, uma parte das sabedorias botânicas de algumas comunidades indígenas ou tradicionais e, também, das religiões afro-brasileiras, nas quais a tradição oral é o modo de registro e transmissão dessas sabedorias, de geração para geração, dos mais velhos para os mais novos.

As tribos indígenas Aldeia Truká⁹, no município de Cabrobó, estado brasileiro de Pernambuco; e, a Aldeia Tuxá¹⁰,

9. *Truká*. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nepe/povos-indigenas/truka> e <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3777>. Acesso em: 9 set. 2020.

10. *Tuxá*. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nepe/povos-indigenas/tuxa> e <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/5113>. Acesso em: 9 set. 2020.

Yuri Tavares Rocha

no município de Rodelas, estado brasileiro da Bahia, estão localizadas às margens do médio rio São Francisco, mas cada uma em margens diferentes (RODRIGUES, 2007; SALOMÃO, 2011). Essas tribos foram pesquisadas para se conhecer a diversidade das plantas utilizadas, suas partes, como são preparadas e usadas e para quais doenças são indicadas. Na aldeia Tuxá, foram citadas 41 plantas medicinais e, na aldeia Truká, 36 plantas, que são utilizadas contra febre, dor, pressão alta, problemas digestivos, diabetes, sangramentos, edemas e ansiedade; a relação de plantas para cada doença foi diferente em cada aldeia e apenas três plantas consideradas calmante tiveram coincidência, o que evidencia que cada etnia, tribo ou aldeia indígena é um patrimônio exclusivo e valioso, cuja manutenção e preservação são fundamentais para suas futuras gerações (VASCONCELOS, 2019).

Esta pesquisa demonstra que, apesar de as tribos estudadas estarem a poucas dezenas de quilômetros de distância e viverem em uma mesma região natural (caatinga e margem de rio), suas sabedorias botânicas são distintas e igualmente valiosas, representando suas histórias de passagem dentro da tradição oral, de geração em geração, o que tem enorme valor para suas populações e para a conservação dessas sabedorias

Sabedorias botânicas

das comunidades indígenas remanescentes. Lamentavelmente, também é uma pequena amostra do que já se perdeu pela extinção de comunidades e etnias indígenas, sem a continuidade da tradição oral, como aquela etnia que vivia na Serra da Capivara, há milhares de anos, ou a que utilizava as plantas estudadas por Piso e Marggraf, no nordeste brasileiro seiscentista.

Outro exemplo é a pesquisa feita numa comunidade ribeirinha, composta por 22 famílias, estudada em Rondonópolis (estado brasileiro do Mato Grosso), que utiliza as plantas presentes em suas hortas e quintais e nas matas de galeria do rio Arareau, principalmente com as finalidades alimentícia e medicinal, sendo que algumas plantas podem ser utilizadas contra mais de uma doença, separadas ou em combinações entre elas, eficazes no tratamento do aparelho digestivo, de afecções ocasionadas por infecção e parasitas e também no tratamento do sistema nervoso, entre outras (PASA; ÁVILA, 2010). Essa pesquisa também constatou que a

principal forma de transmissão do conhecimento é o oral, que é feita de forma simples, no dia-a-dia, conforme a situação que estão vivendo, não há nada escrito ou livros. Na maioria das vezes, os pais, avós ou membros

Yuri Tavares Rocha

da mesma família fazem a transmissão oral, no interior do próprio grupo doméstico. Crianças e adolescentes acompanham os mais velhos nas tarefas cotidianas e, então, o saber tradicional é compartilhado dentro dessa cultura e transmitido de geração em geração, adquirindo o teórico e o prático, ao mesmo tempo, por absorção das explicações verbais e codificações (mitos e crenças). Porém, vários entrevistados relataram que a geração mais jovem não se interessa pelo conhecimento e experiência dos mais velhos. (PASA; ÁVILA, 2010, p. 202)

Um outro exemplo é a pesquisa feita sobre um arroz africano, que ainda é cultivado no Suriname e utilizado para oferendas aos ancestrais, refeições fúnebres e banhos rituais. Tal planta é uma espécie africana de arroz (*Oryza glaberrima* Steud), domesticada nos pântanos do rio Níger, em Mali, cerca de 3.500 anos atrás; o arroz mais cultivado pelo mundo é o asiático, da espécie *Oryza sativa* L., que foi domesticado na China há cerca de 9.000 anos (LINARES, 2002; VAN ANDEL, 2016).

Este arroz africano era cultivado em hortas de provisão dos africanos escravizados, como um dos poucos itens tangíveis trazidos de África (ANDEL et al., 2015). Amostras botânicas, coletadas por volta de 1687, comprovam que também

Sabedorias botânicas

existiam plantações africanas de quiabo (*Abelmoschus moschatus* Medik.) e de gergelim (*Sesamum indicum* L.), cultivadas nas mesmas hortas dos escravos em torno de Paramaribo, capital do Suriname (ANDEL et al., 2012). De acordo com a historiadora Judith Carney (2009¹¹ apud VAN ANDEL, 2016), todo arroz cultivado no Novo Mundo era arroz africano, antes que os moinhos de arroz movidos a água facilitassem a substituição pelo arroz asiático; o arroz africano foi cultivado por povos de língua Mande, que foram capturados como escravos e transportados para o Suriname (VAN ANDEL et al., 2014). Atualmente, esse arroz ainda é cultivado por alguns agricultores da África Ocidental, incluindo os da etnia Jola do sul do Senegal (Baixa Casamança) e da etnia Mende, de Serra Leoa, para uso em rituais sagrados; essa é uma ocorrência comum em todo o mundo, ou seja, o uso de plantas tradicionais em cerimônias para oferecer aos espíritos, pois a ligação entre as colheitas e os ancestrais é um pilar fundamental da maioria das sociedades agrárias (LINARES, 2002).

11. CARNEY, Judith. *Black rice: the African origins of rice cultivation in the Americas*. Boston: Harvard University Press, 2009.

Yuri Tavares Rocha

A abordagem etnobotânica também deve ser adotada em pesquisas sobre as religiões afro-brasileiras, para compreender melhor as funções “[...] rito-litúrgicas, simbólicas e terapêuticas das inúmeras plantas utilizadas [...] em defumações, banhos, ornamentos, sacudimentos, preceitos, comidas, oferendas etc., além da utilização como essências” (RIVAS, 2020, p. 82). Alguns importantes estudos têm sido feitos nesse sentido, destacando alguns como uma pequena amostra.

Com relação às plantas utilizadas no candomblé, dois exemplos serão citados a seguir, sendo outro comentado mais adiante.

O babalaô, antropólogo e fotógrafo Pierre Fatumbi Verger, de origem francesa, foi um iniciado e grande conhecedor das religiosidades e culturas iorubá, africana e afro-brasileira (POSSA, 2012). Entre muitas de suas obras, escreveu *Ewe: o uso das plantas na sociedade iorubá* (VERGER, 1995), livro de etnobotânica no qual aborda a identificação das plantas e seus usos nos rituais iorubá e, também, como plantas medicinais, indicou mais de duas mil receitas preparadas com folhas e partes de plantas (flores, frutos, sementes, raízes e cascas).

O segundo exemplo é o babalorixá, professor e escritor José Flávio Pessoa de Barros. Foi um pesquisador de grande

Sabedorias botânicas

contribuição, pesquisando etnobotânica e sistemas de classificação de plantas utilizadas nas religiões afro-brasileiras (RIVAS NETO et al., 2012). Entre muitas de suas obras, pode-se destacar: *O segredo das folhas: sistema de classificação de vegetais no candomblé jêje-nagô do Brasil* (BARROS; NAPOELÃO, 1993), *Ewé òrisà: uso litúrgico e terapêutico de vegetais nas casas de candomblé jêje-nagô* (BARROS, 1998) e *A floresta sagrada de Ossaim: o segredo das folhas* (BARROS, 2014).

Quanto às plantas utilizadas nas umbandas, destaca-se o babalorixá, médico e escritor Francisco Rivas Neto, que atuou de forma marcante nas religiões afro-brasileiras e acumulou grande “[...] experiência com várias escolas afro-brasileiras: candomblé e encantarias, diferentes umbandas” (JORGE, 2020, p. 92). Entre suas obras, principalmente em duas, Rivas Neto relacionou plantas e suas ligações com os orixás e entidades da umbanda. Em *Umbanda, a proto-síntese cósmica: epistemologia, ética e método da Escola de Síntese* (RIVAS NETO, 1989), relatou, para uma das sete “vibrações originais ou linhas”, nove plantas que, por sua “magia vegetoastromagnética” são utilizadas para banhos de elevação ou litúrgicos; de desimpregnação ou descarga; e, de fixação ou ritualístico; juntamente informou plantas para defumações e essências

Yuri Tavares Rocha

sagradas, também oriundas de plantas ou de suas partes. A outra obra a se destacar de sua autoria é *O elo perdido* (RIVAS NETO, 1994), na qual também apresentou uma listagem dessas plantas e essências, suas finalidades e aplicações em banhos, defumações e chás, comentando:

Dentro dessa terapêutica vegeto-astromagnética, não podemos olvidar as defumações, os chás, o perfume das essências e até a magia das oferendas. Sim, em determinados casos, mormente na ativação mediúnica, a oferenda se prende ao restabelecimento vibratório-energético entre o indivíduo e os vários planos e sítios vibratórios da Natureza. (RIVAS NETO, 1994, p. 258).

Mas, justamente, por sua sabedoria botânica também no *candomblé*, Rivas Neto também contribuiu, na obra *Candomblé: teologia da saúde* (RIVAS NETO, 2017), com uma importante lista de plantas utilizadas no *candomblé*, num chamado “*Ewè Òrìṣà – Mini-herbário*”, no qual relatou 54 plantas, ilustradas com fotografias e com seus nomes comuns e aos quais orixás estão ligadas.

Sabedorias botânicas

A sucessora de Rivas Neto à frente da Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino (OICD), a ialorixá e escritora Maria Elise Rivas, na obra recente *O que reza minha tradição: umbanda esotérica ou iniciática* (RIVAS, 2020), apresentou, com base nas listas anteriores (RIVAS NETO, 1989; RIVAS NETO, 1994), uma ampliação de informações sobre mais de 60 plantas, em um herbário ilustrado com várias informações sobre cada uma delas, que “fazem parte da Tradição da escola de umbanda esotérica ou iniciática propugnada pela OICD-TUO. Desse modo, apresentam-se aqui, além das ervas utilizadas pelo Pai Matta e aquelas adicionadas por Pai Rivas, outras próprias de minha assunção como Mestra-Raiz desta escola” (RIVAS, 2020, p. 264). A mesma autora destacou que

As ervas guardam a memória e o poder volitivo do Orixá. Cada erva veicula um poder espiritual de determinado Orixá. Elas têm características e atuações específicas e por isto não podem ser utilizadas indistintamente. Devem obedecer a uma prerrogativa espiritual em consonância com as necessidades individuais, sejam de descarregar, agregar ou elevar as vibrações espirituais. (RIVAS, 2020, p. 261)

Yuri Tavares Rocha

Essa amostra de exemplos de sabedorias botânicas, pesquisadas e registradas de maneira científica, confirmam que estudar o uso de plantas rituais numa perspectiva multidisciplinar pode revelar a história não escrita de pessoas, comunidades, etnias e religiões e nos permite rastrear o movimento de plantas e pessoas no passado, usando teorias e métodos da ecologia, botânica, ciências sociais e humanas e abordando questões relacionadas à agricultura, conservação da natureza, nutrição e saúde (VAN ANDEL, 2016).

■ Isso se aplica de forma muito significativa nos estudos afro-brasileiros e nas pesquisas sobre as religiões de matrizes indígena e africana, ou seja, há muitas “cartas” a escrever aos moldes “descobridores” da Carta de Caminha, mas absolutamente sem nada dos impactos avassaladores e irreversíveis relatados por Humboldt, mas com muito respeito e reverência às sabedorias botânicas seculares, milenares.

Referências

- ALEXIADES, Miguel. Apresentação. In: ALBUQUERQUE, Ulisses; LUCENA, Reinaldo; CUNHA, Luiz. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica*. Recife: NUPEEA, 2010. p. 17-18.
- ANDEL, Tinde et al. The forgotten Hermann Herbarium: a 17th century collection of useful plants from Suriname. *Taxon*, v. 61, n. 6, p. 1296-1304, 2012.
- ANDEL, Tinde. Prioritizing West African medicinal plants for conservation and sustainable extraction studies based on market surveys and species distribution models. *Biological Conservation*, v. 181, p. 173-181, 2015.
- BANDEIRA, Fábio. Prefácio. In: ALBUQUERQUE, Ulisses; LUCENA, Reinaldo; CUNHA, Luiz. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica*. Recife: NUPEEA, 2010. p. 11-13.
- BARROS, José Flávio Pessoa de. *O segredo das folhas: sistema de classificação de vegetais no Candomblé Jêje-Nagô do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas/UERJ, 1993.
- BARROS, José Flávio Pessoa de; NAPOLEÃO, Eduardo. *Ewé òrìsà: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de Candomblé Jêje-Nagô*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BARROS, José Flávio Pessoa de. *A floresta sagrada de Ossaim: o segredo das*

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Yuri Tavares Rocha

folhas. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

Bogaert, Jan; Vranken, Isabelle; André, Marie. Anthropogenic Effects in Landscapes: Historical Context and Spatial Pattern. In: Hong, Sun-Kee; Bogaert, Jan; Min, Qingwen (Ed.) *Biocultural landscapes: diversity, functions and values*. Dordrecht: Springer, 2014, p. 89-112.

Bridgewater, Peter; Rotherham, Ian. A critical perspective on the concept of biocultural diversity and its emerging role in nature and heritage conservation. *People and Nature*, v. 1, n. 3, p. 291-304, 2019.

BYE, Robert. An 1878 ethnobotanical collection from San Luis Potosí: Dr. Edward Palmer's first major Mexican collection. *Economic Botany*, v. 33, n. 2. p. 135-162, 1979.

FILGUEIRAS, Tarciso; PEIXOTO, Ariane. Flora e vegetação do Brasil na Carta de Caminha. *Acta Botanica Brasilica*, v. 16, n. 3, p. 263-272, 2002.

Gomes, Hugo et al. Identification of organic binders in pre-historic pigments through multiproxy archaeometric analyses from the Toca do Paraugaio and Boqueirão da Pedra Furada shelters (Serra da Capivara National Park, Piauí, Brazil). *Rock Art Research*, v. 36, p. 214-221, 2019.

HARSHBERGER, Jonh. Ethno-Botanic Gardens. *Science*, v. 7, p. 203-205, 1896.

HEAD, Lesley. Cultural ecology: adaptation - retrofitting a concept? *Pro-*

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Sabedorias botânicas

gress in Human Geography, v. 34, n. 2, p. 234-242, 2010.

JETER, Marvin D. Edward Palmer: Present before the creation of Archaeological stratigraphy and associations, formation processes, and ethnographic analogy. *Journal of the Southwest*, v. 41, n. 3, p. 335-358, 1999.

JORGE, Érica. Francisco Rivas Neto e a constituição do campo teológico afro-brasileiro. *Estudos Afro-brasileiros*, v. 1, n. 1, p. 85-106, 2020.

LINARES, Olga. African rice (*Oryza glaberrima*): History and future potential. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 99, n. 25, p.16360-16365, 2002.

LOURDEAU, Antoine. A Serra da Capivara e os primeiros povoamentos sul-americanos: uma revisão bibliográfica. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 14, n. 2, p. 367-398, 2019. ■

LUNA, Fernando. Sobre um herbário ilustrado do início da Era Moderna traduzido para o português: o livro História das plantas, de João Viegier. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 9, n. 2, p. 219-234, 2016.

MAUZ, Kathryn. Edward Palmer's whereabouts known, August-September, 1867. *Brittonia*, v. 60, n. 1, p. 93-98, 2008.

McVAUGH, Rogers; KEARNEY, Thomas. Edward Palmer's collections in Arizona in 1869, 1876, and 1877. *The American Midland Naturalist*, v. 29, n. 3, p. 768-778, 1943.

REVISTA ESTUDOS
AFRO-BRASILEIROS

Yuri Tavares Rocha

NORDER, Sietze. Alexander von Humboldt (1769-1859): connecting geodiversity, biodiversity and society. *Journal of Biogeography*, v. 46, n. 8, p. 1627-1630, 2019.

Norton, Stata. Lily Y. Beck, trans. *De materia medica by Pedanius Dioscorides*. *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, v. 61, n. 2, p. 218-220, 2006.

PASA, Maria; ÁVILA, Gabriela. Ribeirinhos e recursos vegetais: a etnobotânica em Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil. *Interações*, v. 11, n. 2 p. 195-204, 2010.

PATZLAFF, Rubia; PEIXOTO, Ariane. A pesquisa em etnobotânica e o retorno do conhecimento sistematizado à comunidade: um assunto complexo. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, n.1, jan.-mar. 2009, p.237-246.

Pessis, Anne-Marie; Guidon, Niède. Dating rock art paintings in Serra de Capivara National Park. *Adoranten*, v. 2009, n. 1, p. 49-59, 2009.

POSSA, Cláudia. Imagem, oralidade e escrita: uma análise da trajetória de Pierre Fatumbi Verger. *Afro-Ásia*, n. 45, p. 185-194, 2012.

Prance, Ghillelan. Ethnobotany, the science of survival: a declaration from Kaua'i. *Economic Botany*, v. 61, n. 1, p. 1-2, 2007.

Riddle, Jonh. Pedanius Dioscorides of Anazarbus, *De materia medica*, transl. Lily Y Beck. *Medical History*, v. 50, n. 401, p. 553-554, 2006.

RIVAS, Maria Elise. Entre teologias e preconceitos. *Estudos Afro-brasilei-*

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Sabedorias botânicas

ros, v. 1, n. 1, p. 57-84, 2020.

RIVAS, Maria Elise. *O que reza minha tradição: umbanda esotérica ou iniciática*. São Paulo: Arché, 2020.

RIVAS NETO, Francisco. *Umbanda, a proto-síntese cósmica: epistemologia, ética e método da Escola de Síntese*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1989.

RIVAS NETO, Francisco. *Umbanda: o elo perdido*. São Paulo: Ícone, 1994.

RIVAS NETO, Francisco. *Candomblé: teologia da saúde*. Itanhaém: Arché, 2017.

RIVAS NETO, Francisco et al. Ervas nas religiões afro-brasileiras. *Revista Tripla V de Artes, Religiões e Ciências*, n. 28, p. 1-18, 2012. ■

Rocha, Joyce; Boscolo, Odara; Fernandes, Lúcia. Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. *Interações*, v. 16, n. 1, p. 67-74, 2015.

Rodrigues, Maria de Fátima. Tem Truká na aldeia: narrativa de um trabalho de campo na ilha de Assunção, Cabrobó-PE. *Okara: Geografia em debate*, v. 1, n. 1, p. 101-117, 2007.

ROSE, John. List of plants collected by Dr. Edward Palmer in 1890 on Carmen Island. *Contributions from the United States National Herbarium*, v. 1, n. 5, p. 129-134, 1892.

Sadier, Benjamin et al. Further constraints on the Chauvet cave artwork

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Yuri Tavares Rocha

elaboration. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 109, n. 21, p. 8002-8006, 2012.

Salomão, Ricardo. Tradição, práticas e rituais e afirmação étnica entre os Tuxá de Rodelas. *Cadernos do Leme*, v. 3, p. 25-55, 2011.

Schrodt, Franziska et al. Challenges and opportunities for biogeography - What can we still learn from von Humboldt? *Journal of Biogeography*, v. 46, n. 8, p. 1631-1642, 2019.

Silva, Paulo Henrique et al. *As etnobotânicas e as plantas medicinais sob a perspectiva da valorização do conhecimento tradicional e da conservação ambiental*. *Revista de Ciências Ambientais*, v. 9, n. 2, p. 67-86, 2015.

SIMMONS, Ian. *Biogeografía natural y cultural*. Barcelona: Omega, 1982.

SOUZA, Osvaldo. Georg Marggraf: o primeiro herborizador do Brasil. *Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica*, v. 3, p. 25-29, 2006.

SAFFORD, William. Edward Palmer. *American Fern Journal*, v. 1, n. 6, p. 143-147, 1911.

van Andel, Tinde. African slaves recognized American plants. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 111, n. 50, p. E5346-E5353, 2014.

van Andel, Tinde. *Ethnobotany: linking traditional plant use to health, history and heritage*. Wageningen: Wageningen University, 2016.

VASCONCELOS, Rute et al. Estudo etnodirigido de plantas medicinais

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Sabedorias botânicas

utilizadas por tribos indígenas em dois contextos sociogeográficos distintos nas margens do rio São Francisco. In: Simpósio de Plantas Medicinais do Vale do São Francisco (PLAMEVASF), 7., 2019, Juazeiro. *Anais eletrônicos...* Juazeiro: Univasf, 2019. Disponível em: http://www.plamevasf.univasf.edu.br/arquivos_anais/Bot3083.pdf. Acesso em: 9 set. 2020.

VASEY, George; ROSE, John. List of plants collected by Dr. Edward Palmer in lower California and Western Mexico in 1890. *Contributions from the United States National Herbarium*, v. 1, n. 3, pp. 1-6, 1890.

VERGER, Pierre. *Ewe: o uso das plantas na sociedade iorubá*. São Paulo: companhia das Letras, 1995. ■

WULF, Andrea. *A invenção da natureza: a vida e as descobertas de Alexandre von Humboldt*. São Paulo: Planeta, 2016.